

PANDEMIA DE NARRATIVAS: A POTÊNCIA RESTAURADORA DO FAZER ARTÍSTICO E DO COMPARTILHAMENTO DE AFETOS EM PERÍODOS DE CRISE POLÍTICA E SANITÁRIA.

AMANDA DIAS WINTER¹; VITÓRIA DE LIMA CARDOSO²; DANIELE BORGES BEZERRA³

¹*Universidade Federal de Pelotas – winteradias@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – vitoria.about@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas– borgesfotografia@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O projeto “Pandemia de Narrativas” foi pensado como ação extensionista vinculada ao projeto de pesquisa Antropoéticas, desenvolvido pelo Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do som (LEPPAIS), como parte do projeto de pós-doutorado realizado pela docente Daniele Borges Bezerra. Utilizando a plataforma *on-line* Instagram, o @pandemiadenarrativas propõe, a partir da intersecção entre antropologia e arte, o compartilhamento coletivo das vivências no período de distanciamento social ocasionado pela pandemia de Covid-19.

Pandemia de Narrativas surgiu da percepção de que, enquanto acadêmicos do grupo de pesquisa Antropoéticas, partilhamos o impulso de narrar as vivências durante a pandemia de Covid-19. O projeto conta com a participação de alunas e alunos da graduação e pós-graduação, bem como de docentes e membros externos, em sua maioria relacionados a área de Antropologia. No entanto, suas publicações são majoritariamente produções de artistas e designers, embora esteja aberto à participação de todos e todas.

A ação tem como pressuposto teórico os ensinamentos de Tim Ingold (2015), no que se refere a uma “antropologia da vida” e também é inspirada na possibilidade de uma “partilha do sensível” por meio da arte, proposta por Jacques Rancière (2005) e em pouco tempo tornou-se um espaço coletivo para compreender, territorializar e transmitir diversas perspectivas da “vida em quarentena”.

Além disso, a dimensão empírica deste projeto nos permite pensar a vida durante a pandemia por meio da antropologia dos sentidos, da antropologia das emoções e por meio de uma antropologia da imagem e do som. Com isso, as múltiplas “grafias” acionadas - entre elas, a fotografia, o desenho, a poesia, o bordado, a colagem, e o audiovisual - servem como meios, suportes e condutores narrativos, configurando uma espécie de diário compartilhado na rede, produzido de modo colaborativo e rizomático, partindo de diversas pessoas e locais, nas interfaces entre arte e antropologia.

2. METODOLOGIA

E, com isso, a ação Pandemia de Narrativas têm evidenciado múltiplos aspectos de uma mesma experiência compartilhada. A partir dos envios dos trabalhos dos colaboradores, as publicações tornam-se “montagens” (VERTOV, 1983; BENJAMIN, 1987; WARBURG, 1929), compostas por gestos, grafias e emoções que compõem narrativas de resistências individuais e coletivas.

Com a publicação da chamada foram recebidos desenhos, fotografias, ensaios visuais, vídeos, GIFs, poesias, bordados, ou seja, inúmeras formas de experimentar, refletir e expressar o tempo vivido na pandemia. Os trabalhos chegam por e-mail, no endereço: narrativasdaquarentena@gmail.com e o único requisito para participação é que tenham sido produzidos durante o confinamento da Covid-19. Sendo assim, as partilhas acompanham o tempo da pandemia em diversos cenários, tanto local e regional quanto internacional.

A escolha pela plataforma digital nesse momento é estratégica, haja visto as recomendações de distanciamento social no enfrentamento da Covid-19. Além disso, responde à sensação de “emergência” em relação à manutenção de laços sociais para além do ambiente íntimo e familiar da casa. A “vida em quarentena” passa a refletir a própria necessidade de manutenção da vida a partir de uma política ética e de uma ética do cuidado de si e dos outros (FOUCAULT, 2004). Neste momento, e-mails e conversas pelo messenger do Instagram são também momentos de se conectar em rede, de trocar “olhares”/impressões e unir esforços para um fortalecimento conjunto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ação teve início no dia 19 de abril de 2020 e continua em desenvolvimento. Atualmente conta com 900 seguidores e um acervo de 219 colaborações publicadas. A criação desse acervo oportuniza um espaço de registro, partilha e comunicação que põe em movimento o caráter “epidêmico das imagens” (DIDI-HUBERMAN, 2003, p.35) e, de modo dilatado, das narrativas verbo-visuais produzidas durante a pandemia. Logo, a ação cria um território de encontro para a comunicação de diversas vivências a partir de múltiplas grafias e se configura como um repositório de memória. Uma constelação de vivências ancoradas em diversas formas de narrar, compartilhadas por pessoas de distintos contextos.

As colaborações, em maioria, foram recebidas de diversos estados do Brasil. No entanto, já foram recebidas narrativas provenientes do México, Uruguai, Estados Unidos, Espanha, Holanda, Inglaterra, Itália, França e Portugal, gerando um registro compartilhado sobre a situação social de excepcionalidade a qual as pessoas do mundo viram-se subitamente compelidas a remodelar outras formas de vivência. Ao provocar em nossos seguidores uma série de afecções (Cf. SAADA, 2005), partindo das relações estabelecidas entre os conteúdos publicados e suas próprias experiências de vida, indagamos de que formas as linguagens se integram e como as “memórias trabalham” (SAMAÍN, 2012), ou seja, o que comunicam e de que modos nos afetam. Tal experiência tem reforçado a importância da prática extensionista como uma ponte entre a comunidade acadêmica e a sociedade. Já que em momentos trágicos como este, lugares em que as pessoas possam expressar e comunicar suas experiências se faz necessário. Independente do significado que cada pessoa atribui ao seu fazer artístico, todas as formas de relação com a arte são legítimas, entretanto, foi pensando em sua potência comunicativa, pensativa e transformadora.

Como fica registrado na série da Artista Déia Corrazini ([@cora_watercolor](https://www.instagram.com/cora_watercolor)), a seguir, em que a autora nos convida a refletir sobre o cotidiano das mulheres em meio a pandemia de Covid-19.

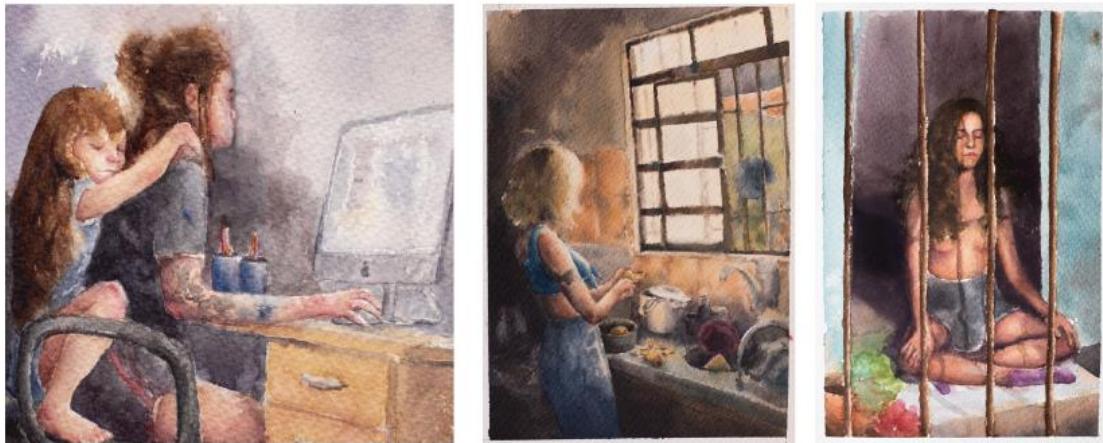


Figura 1:Montagem a partir de obras enviadas pela artista @cora_watercolor, reflete sobre o cotidiano de mulheres durante a pandemia.

Fonte: Pandemia de narrativas, @pandemiadenarrativas, 2020.

Parábola para o fim do mundo é uma série criada durante a pandemia de Covid-19, na espera pelo "achatamento da curva" que nunca chegou. Em isolamento domiciliar, pedi para que pessoas enviassem uma foto que às representasse nessa quarentena, as quais utilizei como referência para criar pinturas em aquarela.

Criando essas imagens em parceria, pude me conectar com outras pessoas, conhecer suas realidades adaptadas à vida durante uma pandemia e suas casas que passaram a ser seu único espaço para diversão, esporte, lazer, trabalho, luta e cuidado. É um registro histórico desse momento assombroso, que jamais imaginamos vivenciar, e que, não nos deixa alternativas além de nos repensarmos enquanto indivíduos e sociedade".
(@cora_watercolor, Florianópolis, BR, Jun. 2020)

Com base na obra *A partilha do Sensível*, de Jacques Rancière (2005), percebemos a produção do conhecimento, por meio do sensível, como um ato político. Um ato político que também pode ser percebido no trabalho da artista. Neste caso, a série intitulada “parábolas para o fim do mundo” narra a partir do isolamento social, conexões com outras realidades adaptadas ao confinamento. Em confluência com a reflexão do autor, percebe-se a obra a partir da experiência de uma “partilha do sensível” sendo capaz de fixar, ao mesmo tempo, “um comum partilhado e partes exclusivas” (RANCIÈRE, 2005, p.15), ou seja, vivências individuais e experiências compartilhadas. Tal afirmação é reforçada pelo trecho citado da biografia de Déia Corazzini no perfil @mulhereslatinas:

Janelas reais e virtuais se tornam o único contato com o mundo externo aos lares, e que por sua vez, se convertem em um único espaço de lazer, trabalho, luta e cuidado. Nessas obras aborda sentimentos como impotência, ansiedade e medo relacionados ao atual cenário de incerteza, banalização de morte.¹ (@mulhereslatinas, 2020)

Estas relações entre, tempo, emoções, cuidado e casa são assuntos recorrentes nas publicações enviadas pelos participantes e refletem, em múltiplas grafias, a experiência da pandemia de Covid-19 no Brasil e no mundo.

¹ <https://www.artistaslatinas.com.br/artistas-1/d%C3%A9ia-corazzini>

4. CONCLUSÕES

Este trabalho parte de uma articulação entre pesquisa e extensão, tendo como objetivo geral da ação instigar uma performance comunicativa que mimetizasse a característica de disseminação da pandemia, por meio de narrativas compartilhadas, fazendo das Redes Sociais na Internet (RSI), um espaço estratégico para o agrupamento, a preservação, e a disseminação de vivências, num momento em que nos víamos recolhidos e apreensivos. Ao fazer isso a ação cria um dispositivo para a externalização de pensamentos, lutas políticas e subjetividades que refletem diversas percepções sobre o cotidiano, exacerbadas com a pandemia e suas es. Observamos que o perfil @pandemiadenarrativas gerou e gera aproximações, partilha de afetos, reflexão, e trocas como também uma espécie de diário compartilhado.

Com isso, reafirmamos a necessidade de compreendermos a experiência da pandemia de Covid-19, com seus atravessamentos afetivos, políticos, econômicos e sociais; seja no combate à doença, nas perdas silenciosas, ao período de exceção que vivemos e algumas ações políticas autoritárias e negligentes do governo atual. Pois, tal como Rancière (2005), entendemos esse modo de produção do conhecimento sensível como um ato político, ético e poético.

Finalmente, a ação evidencia, sobremaneira, a potência expressiva, comunicativa e catártica da arte, e o quanto os colaboradores acionam essas linguagens para registrar e narrar suas vivências.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Images malgré tout**. Les Éditions de Minuit, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2004. Ditos e Escritos; V.
- INGOLD, Tim. **Estar vivo**: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: Estética e política. São Paulo: EXO experimental org. Ed.34, 2005.152p.
- SAADA, Jeanne Favret. Ser afetado. **Cad. Campo**, 2005.
- SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. **Visualidades**. Goiânia, v 10, n.1, p. 151-164, jan.-jun. 2012.
- VERTOV, Dziga. Nascimento do cineolho. In: XAVIER, Ismail. **A Experiência do Cinema**. Rio de Janeiro, Ed. Graal, p.261, 1983.